

## **COREOGRAFANDO O COTIDIANO: a expressão corporal do deficiente visual**

Mari Gândara\*

Após atuar na área do Ritmo e da Dança na Faculdade de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Campinas durante muitos anos, observei que os meus alunos mantinham uma preocupação constante: copiar os meus movimentos. As solicitações eram para que eu repetisse os mesmos gestos, de maneira que os seus movimentos se parecessem, ou se assemelhassem aos meus. E evidente que a verdadeira liberdade de expressão, criatividade e originalidade das manifestações corporais, diante da cópia global de gestos já preestabelecidos, se esvaziavam.

Tentei, por várias vezes, estratégias distintas, utilizando somente estímulos verbais, porém os resultados obtidos ainda se aproximavam de maneira acentuada às minhas idéias coreográficas.

Coincidentemente em 1985, quando editei o livro *Atividades Ritmadas para Crianças*, que nada mais é do que uma coleta de danças folclóricas nacionais, internacionais, rodas cantadas e exercícios ritmados para coordenação motora, fui convidada a participar de um grupo de profissionais que, junto à Coordenação

\* Do Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente, PUCCAMP, Campinas, São Paulo.

nadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência do MEC/CORDE, discutia a questão de programas voltados à área da deficiência. Nesta época, eu já fazia algumas palestras nos cursos de Psicologia, Educação Especial, Terapia Ocupacional, entre outros, e abordava teoricamente a questão da importância da corporeidade na pessoa portadora de deficiência.

Ao receber o referido convite, considerei necessário à minha vida de atuação prática, de estar também voltada à questão do deficiente, optando pelo desenvolvimento de um trabalho com os Deficientes Visuais (DV).

Naquele mesmo ano, 1985, saí em busca das instituições que atuavam nesta área. Pude perceber, entretanto, que todas elas passavam por dificuldades semelhantes, onde a falta de espaço físico era comum.

Decidi, então, iniciar os trabalhos em minha residência e, para tal, solicitei aos professores que me encaminhassem os seus alunos deficientes visuais.

Naquela época, tinha algumas certezas e muitas dúvidas. Sabia que as pessoas aprendiam e armazenavam movimentos para depois expressá-los de maneiras distintas.

Após leituras feitas sobre "Deficiências", pude constatar que a preocupação constante dos profissionais que atuavam nesta área eram a alfabetização e locomoção. Nos estudos sobre Deficiente Visual, que muito me enriqueceram, nada encontrei sobre a questão do trabalho de dança com DV. Por esta razão, decidi elaborar um cronograma de atividade, tendo evidente-

mente sempre como objetivo a realização de uma composição coreográfica, na qual o DV se manifestasse livremente.

Em 1986, publiquei *Ritmo: importância e aplicação*. Naquele ano, pude sentir mais próximo o trabalho da importância rítmica dos deficientes visuais, pois a sensibilidade e percepção do ritmo mostravam que este seria o caminho para dar início às atividades.

Esta seqüência de trabalhos me levou a publicar, em 1988, *Consciência Rítmica: ter ou não ser*, pois acionando a capacidade de concentração do indivíduo, conscientizando-o, portanto, do conhecimento rítmico, cria-se a possibilidade de realizações musicais corporais. Passa-se a perceber melhor o global, se houver consciência das partes que o completam. Estas observações provocaram em mim uma maior visão do trabalho, deixando claro que eu buscava um meio através do qual muito poderia desenvolvê-lo, principalmente nos aspectos gestuais.

Em todos os momentos, busquei a sensibilidade musical para que esta, agregada ao raciocínio matemático (estruturas rítmicas), possibilitasse a realização da expressão corporal. As leituras de apoio, que muito me auxiliaram, apresentavam as limitações do cego congênito comparadas com as perdas do portador de cegueira adquirida, tais quais: integridade física, confiança nos sentidos remanescentes, mobilidade, técnicas da vida diária, progresso informativo, percepção visual do agradável e do belo, recreação, segurança financeira, independência pessoal, adaptação social, auto-estima, organização total da personalidade, percepção do claro e escuro.

Portanto, os prejuízos impostos aos que perderam a visão, ou cegos congênitos, são múltiplos. Qualquer um deles é por si mesmo grave e juntos formam inúmeras limitações. Afinal, qual seria a minha contribuição a oferecer ao DV para que pudesse vir a ter vida normal e produtiva, com equilíbrio intelectual, utilizando para tanto o ritmo, a música e o movimento? Sabendo que o ritmo é a volta periódica dos tempos fortes e fracos numa frase musical, como também pode ser definido com sendo o movimento com sucessão regular de elementos fortes e fracos proporcionando uma harmoniosa correlação das partes que compõem, optei em iniciar o meu trabalho com a percepção do ritmo musical. Decorrendo desta percepção, parti para a correlação deste com o ritmo corporal, proporcionando ao DV os gestos harmoniosos. A consciência rítmica possibilita aos alunos a expressão corporal nas suas relações com o tempo.

Esse artigo visa relatar a metodologia utilizada durante seis anos com cinco crianças portadoras de deficiência visual: duas apresentam cegueira congênita e três, cegueira adquirida antes de um ano de idade. A faixa etária é de quatro a seis anos.

Usando como meio o ritmo, a música e a dança, procurei possibilitar-lhes maior flexibilidade gestual, facilitando-lhes a comunicação e expressão, privilegiando a compreensão do movimento humano, como capacidade expressiva para que pudessem utilizá-lo no dia-a-dia.

O referencial teórico foi buscado em autores que trabalharam principalmente o ritmo e o movimento. Não pretendi, portanto, me aprofundar recorrendo a outras ciências como a Psicologia e a Sociologia, embora reconheça que se caminhasse por elas

provavelmente atingiria níveis mais globais de interpretação. Desta forma, é meu interesse expor a metodologia do trabalho desenvolvido e os resultados alcançados, que estão documentados em vídeo, deixando outras implicações, como, por exemplo, o mundo tal como o cego o percebe, para estudos posteriores.

Os problemas enfrentados na luta pela melhoria de vida da pessoa portadora de deficiência são registrados em revistas, livros, documentos nacionais e internacionais, seminários, congressos, pesquisas, etc, mas não são considerados suficientes para a solução desta temática.

Os serviços prestados aos deficientes visuais pelas entidades, associações e centros de reabilitação existentes em Campinas contam com vários profissionais qualificados em Educação Especial, porém estão mais preocupados com a especificidade da deficiência, com as questões do atendimento às famílias, com a alfabetização e locomoção, entre outras. Em vista disto, sentimos a necessidade de viabilizar a superação da expressão corporal, utilizando este trabalho como uma proposta que visa

a sua implantação nos locais que prestam estes serviços.

Os resultados obtidos evidenciam que os deficientes visuais têm percepção clara da importância da sua expressão corporal na comunicação.

Eles me impulsionaram a partir para um trabalho de maior amplitude: a implantação do Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente (CIAD) — cujo projeto foi de minha autoria —, oficializado através da Portaria 132/91. Este órgão é vinculado à Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) e atende a 600 pessoas portadoras de deficiência de todas as áreas e de todas as camadas sociais que a ele recorrem. Também estas cinco estão agora nele integradas.

Partindo, pois, de trabalhos com ritmos distintos, proponho aos meus alunos DV uma alternativa, onde possam vir a ter a expressão do movimento sem a imitação passiva e mecanizada, mas fazendo dos gestos do seu dia-a-dia a composição do "Coreografando o Cotidiano".